Franz Kafka

considerações sobre o pecado, o sofrimento, a esperança e o verdadeiro caminho

hiena editora

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PECADO, O SOFRIMENTO, A ESPERANÇA E O VERDADEIRO CAMINHO

HIENA EDITORA
Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Título do original
BETRACHTUNGEN ÜBER SÜNDE,
LEID, HOFFNUNG UND DEN WAHREN WEG

Autor
FRANZ KAFKA

Título em português
CONSIDERAÇÕES SOBRE O PECADO,
O SOFRIMENTO, A ESPERANÇA
E O VERDADEIRO CAMINHO

Tradução e nota introdutória de
CRISTINA TERRA DA MOTTA

Capa de
RUI ANDRÉ DELÍDIA

Hiena Editora, 1992
Lisboa, Setembro de 1992

FRANZ KAFKA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PECADO, O SOFRIMENTO, A ESPERANÇA E O VERDADEIRO CAMINHO

Tradução de
CRISTINA TERRA DA MOTTA

HIENA EDITORA

Žmegač, na sua História da Literatura Alemã, *dizia que o mundo de Franz Kafka se assemelha a uma fotografia daquilo que não existe. E como não se pode fotografar o que não existe, tem que se fotografar aquilo que existe. Tal como se fotografam as barrigas inchadas das crianças na Somália para mostrar a existência da fome, Kafka teve que encontrar um assunto capaz de reflectir a angústia provocada pela própria consciência, aquele complexo sistema de lentes que lhe permitiam afastar-se e aproximar--se da realidade em que viveu. Por isso fotografou a ignorância dos outros, com método. E se nos deixássemos do pudor democrático que caracteriza o nosso século e nos lembrássemos da forte moralidade de Kafka, então veríamos que o*

que Kafka fotografou nos romances e nas novelas foi afinal a estupidez, a estupidez dos outros, daqueles que se agarram desesperadamente à vida, que ele rejeitou. E nessas fotografias não há lugar para sentimentos, pelo menos para sentimentos nobres. Antes pelo contrário — e há que admiti-lo — com dificuldade conseguimos reprimir o riso perante tanta estupidez.

Mas este livrinho é diferente. É como um álbum que reúne fotografias tiradas ao sabor dos dias, despreocupadamente. Folheamo-lo e deparamos com imagens recolhidas nas mais diversas circunstâncias.

Há imagens de gente teimosa e persistente, que insiste em trepar por ladeiras íngremes ou gritar-se mutuamente mensagens sem sentido. Outras representam coisas mais sérias. Vemos nelas o sofrimento de quem não sabe que há outra vida possível.

E talvez nos reconheçamos nalguma velha fotografia, que afinal nos obriga a reconhecer que também nós não sabemos viver de outra maneira.

C. T. M.

1. O verdadeiro caminho passa por uma corda que está esticada, não em cima, mas rente ao chão. Antes parece destinar-se a fazer tropeçar do que a ser percorrida.

2. Todos os erros humanos são impaciência, uma interrupção prematura do metódico, uma aparente delimitação da coisa aparente.

3. Existem dois pecados humanos capitais, dos quais todos os outros derivam: a impaciência e o desleixo. Por causa da impaciência os homens foram expulsos do paraíso, por causa do desleixo não voltam para trás. Mas talvez só exista um

pecado capital: a impaciência. Por causa da impaciência foram expulsos, por causa dela não voltam para trás.

4. São muitas as sombras de falecidos que apenas se ocupam em lamber as marés do rio dos mortos, porque este vem dos nossos lados e ainda tem o sabor salgado dos nossos mares. O rio crispa-se então enojado, inverte o sentido da corrente e despeja os mortos de novo na vida. E eles contudo são felizes, entoam cânticos de agradecimento e afagam o indignado.

5. A partir de um certo ponto já não há retorno. Há que alcançar esse ponto.

6. O momento decisivo do desenvolvimento da humanidade está sempre a acontecer. Por isso estão no seu direito os movimentos espirituais revolucionários que

declaram nulo todo o passado, já que nada ainda aconteceu.

7. Um dos meios mais eficazes de que o mal dispõe para seduzir é o convite à luta.

8. É como a luta com as mulheres, que acaba na cama.

9. A. está todo inchado. Julga-se muito avançado no bem, já que, sendo ele aparentemente sempre aliciante, vê-se cada vez mais exposto a tentações vindas de direcções que até aí lhe eram completamente desconhecidas.

10. A explicação correcta é no entanto a de que um grande diabo veio instalar-se nele e que uma infinidade de diabos mais pequenos acorre a servir o grande.

11./12. A diversidade de pontos de vista que se pode por exemplo ter relativamente a uma maçã: o ponto de vista do rapazinho que tem de esticar o pescoço para mal conseguir ver a maçã em cima da mesa e o ponto de vista do dono da casa que pega nela e a oferece livremente ao conviva.

13. Um primeiro sinal de que o conhecimento começa é o desejo de morrer. Esta vida parece insuportável, uma outra inalcançável. Já não nos envergonhamos de querer morrer. Pedimos para ser levados da velha cela, que odiamos, para uma nova, que ainda havemos de aprender a odiar. Há um resto de fé que opera aqui. Ao sermos transferidos o Senhor talvez passe por acaso pelo corredor, olhe para o prisioneiro e diga: «Este, não o devem voltar a encarcerar. Ele vem para junto de mim».

14. Se caminhasses por uma planície e tivesses o propósito de andar para a frente e no entanto recuasses, seria desesperante. Mas uma vez que trepas por uma ladeira íngreme, tão íngreme como tu próprio visto de baixo, os recuos realmente só podem ser provocados pela natureza do terreno e não deves desesperar.

15. Tal como um caminho no Outono. Mal foi varrido, volta a ficar coberto de folhas secas.

16. Uma gaiola foi procurar um pássaro.

17. Ainda nunca estive neste lugar. A respiração é diferente. Mais ofuscante que o sol, brilha ao pé dele uma estrela.

18. Se tivesse sido possível construir a Torre de Babel sem a escalar, teria sido autorizada a sua construção.

19. Não deixes que o mal venha a julgar que possas ter segredos perante ele.

20. Os leopardos invadem o templo e esvaziam os vasos sacrificiais. Esta situação repete-se constantemente. Até que por fim pode ser prevista e então torna-se uma parte da cerimónia.

21. Com tanta força como a mão segura a pedra. Mas segura-a apenas para a lançar o mais longe possível. Mas também é nesse sentido, para longe, que o caminho nos leva.

22. O problema és tu. E não se vislumbra um aluno para o resolver.

23. É do verdadeiro adversário que te chega uma coragem infinita.

24. Compreender a felicidade de que o chão sobre o qual te encontras não pode ser

maior do que o bocado coberto pelos dois pés.

25. Como será possível alegrarmo-nos com o mundo, a não ser quando nos refugiamos nele?

26. Os esconderijos são inúmeros, a salvação é só uma, mas as possibilidades de salvação são por sua vez tantas quantos os esconderijos. Existe um objectivo, mas não há caminho. Aquilo a que chamamos caminho é a hesitação.

27. Estamos obrigados a fazer o negativo. O positivo já nos foi dado.

28. A partir do momento em que acolhemos o mal em nós, ele já não nos pede que acreditemos nele.

29. As segundas intenções com que acolhes o mal em ti não são as tuas, mas sim as do mal.

O animal arranca o chicote ao dono e chicoteia-se a si próprio para se tornar senhor. E não sabe que se trata apenas de uma fantasia, produzida por mais um nó no chicote do dono.

30. Num certo sentido o bem é desconsolador.

31. Ao autodomínio não aspiro. Autodomínio significa querer agir sobre um ponto casual das infinitas emanações da minha existência espiritual. Se, no entanto, tiver que traçar tais círculos à minha volta, é preferível fazê-lo de um modo inactivo, simplesmente através do olhar pasmado para o enorme complexo, e levar apenas para casa

o fortalecimento que, no entanto, esta contemplação me dá.

32. As gralhas afirmam que bastaria uma única gralha para destruir o céu. Não há dúvida de que assim é, mas nada fica provado contra o céu porque a existência de céus significa justamente a impossibilidade de haver gralhas.

33. Os mártires não menosprezam o corpo. Deixam que seja elevado na cruz. Neste ponto estão de acordo com os seus adversários.

34. A fadiga dele é a do gladiador depois do combate. O seu trabalho foi o de caiar um canto num escritório.

35. Não existe um ter, apenas um ser, um ser que anseia pelo último sopro, pelo sufoco.

36. Antigamente eu não compreendia por que razão não obtinha resposta à minha pergunta. Hoje não compreendo como acreditava que podia perguntar. Mas de facto eu não acreditava, limitava-me a perguntar.

37. A resposta dele à afirmação de que talvez até *possuisse*, mas não *era*, não passou de um estremecimento e palpitações.

38. Houve uma vez alguém que se admirava com a facilidade com que ia pelo caminho da eternidade. Afinal ele ia disparado para baixo.

39a. Não é possível pagar ao mal em prestações. No entanto procuramos fazê-lo sem cessar.

Poderíamos imaginar que Alexandre, o Grande, apesar dos triunfos militares da sua

juventude, apesar do excelente exército que tinha formado, apesar das forças que sentia em si para mudar o mundo, tivesse parado no Helesponto e que nunca o tivesse atravessado. Não por medo, não por indecisão, não por falta de vontade, mas sim devido à força da gravidade.

39b. O caminho é interminável, nada lhe pode ser retirado, nada acrescentado e, no entanto, procuramos ainda medi-lo com o nosso próprio côvado da infância. «Uma coisa é certa, ainda tens que percorrer mais este côvado, ele não te será poupado».

40. É apenas a nossa noção de tempo que nos permite designar o Juízo Final com esse nome. De facto trata-se de uma lei marcial.

41. O desequilíbrio do mundo parece ser, para nosso consolo, apenas de ordem numérica.

42. Deixar cair sobre o peito a cabeça cheia de nojo e de ódio.

43. Os cães de caça ainda brincam no quintal, mas a presa não lhes escapa, por muito que já corra nas florestas.

44. É ridícula a forma como te arreaste para este mundo.

45. Quanto mais cavalos atrelares, mais depressa consegues. Não a extracção do bloco de pedra, o que é impossível, mas o rompimento das correias e assim um passeio alegre e vazio.

46. A palavra «sein» significa em alemão tanto o facto de existir como o de pertencer a outrém.

47. Foi-lhes dado escolher entre serem reis ou mensageiros reais. À maneira das crian-

ças quiseram todos ser mensageiros. É por isso que só há mensageiros. Correm pelo mundo e, uma vez que não há reis, gritam uns para os outros as mensagens que entretanto perderam o sentido. Bem gostariam de pôr um fim às suas vidas miseráveis, mas não se atrevem, por causa do juramento que fizeram.

48. Acreditar no progresso não significa acreditar que já tenha havido algum progresso. Isso não seria acreditar.

49. A. é um virtuoso e o céu a sua testemunha.

50. O homem não consegue viver sem uma confiança constante em qualquer coisa de indestrutível que exista em si, sendo que tanto a coisa indestrutível como a confiança podem permanecer constantemente ocultas

para ele. Uma expressão possível desse permanecer oculto é a fé num Deus pessoal.

51. Foi necessária a mediação da serpente. O mal pode seduzir o homem, mas não se pode tornar homem.

52. Na luta entre ti e o mundo, apoia o mundo.

53. Não se deve defraudar ninguém. Nem sequer o mundo na sua vitória.

54. Não há mais nada, senão um mundo espiritual. Aquilo a que chamamos mundo sensível é o mal no mundo espiritual e aquilo a que chamamos mau é apenas uma necessidade de um instante da nossa eterna evolução.

É possível desagregar o mundo com uma luz fortíssima. Aos olhos fracos torna-se

consistente, aos olhos mais fracos adquire punhos, aos olhos mais fracos ainda torna-se pudico e esmaga aquele que ousa olhar para ele.

55. Tudo é logro: procurar o número mínimo de enganos, ficar-se pelo que é habitual, procurar o número máximo. No primeiro caso enganamos o bem, quando procuramos obtê-lo da maneira mais fácil, e enganamos o mal, quando o colocamos perante condições de luta demasiado desfavoráveis. No segundo caso enganamos o bem porque nem sequer o procuramos alcançar na vida terrena. No terceiro caso enganamos o bem ao afastarmo-nos dele o mais possível e enganamos o mal ao termos a esperança de que, se o elevarmos ao máximo, o tornamos impotente. É a segunda possibilidade que portanto deveríamos privilegiar. Porque o bem engana-

mo-lo sempre, mas o mal, ao que parece, não o enganamos nesse caso.

56. Há questões que não seríamos capazes de superar, se não tivéssemos sido libertados delas por natureza.

57. Para tudo o que seja exterior ao mundo sensível a linguagem só pode ser utilizada alusivamente e nunca comparativamente, nem nada que se pareça, uma vez que, em conformidade com o mundo sensível, ela só trata da posse e das suas relações.

58. Só mentimos o menos possível quando mentimos o menos possível e não quando temos o menos possível de oportunidades para o fazer.

59. Um degrau de escada não muito sulcado pelos passos é, do ponto de vista dele,

apenas madeira pregada de uma forma algo desoladora.

60. Quem renuncia ao mundo só pode amar todos os homens, porque também renuncia ao mundo deles. Começa assim a intuir a verdadeira natureza humana, que — supondo que dela se partilha — só pode ser amada.

61. Quem no mundo ama o próximo não faz nem mais nem menos mal do que aquele que no mundo se ama a si mesmo. Só restaria a questão de saber se o primeiro caso é possível.

62. O facto de não existir outra coisa senão um mundo espiritual tira-nos a esperança e dá-nos a certeza.

63. A nossa arte é um estar ofuscado pela verdade. A luz que incide sobre o rosto

contraído que se desvia é verdadeira. Para além dela nada o é.

64/65. A expulsão do paraíso é eterna no que toca ao essencial. Assim, apesar de a expulsão do paraíso ser definitiva, e a vida na terra incontornável, a eternidade do acontecimento (ou, dito de forma temporal, a eterna repetição do acontecimento) torna no entanto possível não apenas uma hipotética permanência contínua no paraíso, mas também que lá nos encontremos de facto continuamente, quer aqui o saibamos quer não.

66. Ele é um cidadão do mundo, livre e protegido, porque está preso a uma corrente que é suficientemente comprida para que possa aceder a todos os espaços terrestres, mas não tão comprida que possa ser arrastado para lá das fronteiras do mundo. Ao mesmo tempo também é um cidadão do

céu, livre e protegido, porque também está preso a uma corrente celeste concebida à semelhança da primeira. Se quiser ir até à terra, a coleira do céu estrangula-o, se quiser ir para o céu, é a da terra que o estrangula. E, no entanto, tem todas as possibilidades, coisa que ele sente. Sim, até se recusa a imputar tudo isto a um erro aquando do primeiro agrilhoamento.

67. Ele persegue os factos como um principiante da patinagem no gelo, que, ainda por cima, treina onde é proibido.

68. Que coisa mais alegre poderá haver do que a fé num deus doméstico?

69. Teoricamente há uma possibilidade de felicidade perfeita: acreditar naquilo que é indestrutível em nós em vez de fazer por alcançá-lo.

70/71. O indestrutível é um só. Cada homem é-o e, ao mesmo tempo, é comum a todos eles. Daí a extraordinária e inseparável união entre os homens.

72. Há na mesma pessoa conhecimentos que, apesar de totalmente diferentes, se reportam ao mesmo objecto. Por isso só podemos concluir que existem sujeitos diferentes na mesma pessoa.

73. Ele devora os restos que caiem da própria mesa. Consegue assim ficar por uns momentos mais cheio que todos os outros, mas desaprende a comer à mesa. Mas assim também deixa de haver restos.

74. Se aquilo que terá sido destruído no paraíso era passível de ser destruído, então não era uma coisa essencial. Se, no entanto,

era indestrutível, então vivemos numa crença errada.

75. Mede-te pela humanidade. Àquele que duvida, ela fá-lo duvidar, e ao crente acreditar.

76. Este sentimento: «Aqui não lanço a âncora». E sentirmos logo à nossa volta a maré agitada que nos puxa!

Uma viragem. À espreita, com medo e cheia de esperança a resposta anda em torno da pergunta, prescruta desesperada o seu semblante impenetrável, segue-a nos caminhos que menos sentido têm, ou seja, naqueles que se afastam o mais possível da resposta.

77. O relacionamento com pessoas leva-nos a cair na tentação da auto-observação.

78. O espírito só se liberta quando deixar de ser um amparo.

79. O amor físico engana o amor celestial. Não seria capaz de o fazer por si só, mas como, sem o saber, possui o elemento do amor celestial, consegue fazê-lo.

80. A verdade é indivisível e não pode por isso reconhecer-se a si mesma. Quem a quer reconhecer só pode ser mentira.

81. Ninguém pode desejar aquilo que no fundo lhe é prejudicial. Se no entanto em cada pessoa isso parece acontecer, e se calhar parece sempre, tal pode ser explicado pelo facto de que há alguém na pessoa que deseja alguma coisa que até é útil a esse alguém, mas fortemente prejudicial a um segundo alguém, que é a dada altura chamado para apreciar o caso. Se a pessoa se

tivesse colocado logo desde início, e não só por altura da apreciação, do lado do segundo alguém, o primeiro alguém ter-se-ia apagado e com ele o desejo.

82. Por que havemos de nos queixar do pecado original? Não foi por causa dele que fomos expulsos do paraíso, mas por causa da árvore da vida, para que não comêssemos dela.

83. Não somos apenas pecadores por termos comido da árvore do conhecimento, mas também por ainda não termos comido da árvore da vida. Pecaminoso é o estado em que nos encontramos, independentemente de haver culpa.

84. Fomos criados para viver no paraíso. O paraíso estava destinado a servir-nos. O nosso destino foi alterado. Que tal tam-

bém tivesse acontecido com o destino do paraíso não nos é dito.

85. O mal é uma irradiação da consciência humana em determinadas situações de passagem. Não é propriamente o mundo sensível que é aparência, mas o seu mal, que aliás constitui aos nossos olhos o mundo sensível.

86. Desde o pecado original que temos praticamente a mesma capacidade para conhecer o bem e o mal. Apesar disso é justamente aqui que temos as nossas preferências. Mas é só para lá deste conhecimento que começam as verdadeiras diferenças. A aparência contraditória é provocada pelo seguinte: ninguém se pode contentar apenas com o conhecimento, mas tem de esforçar-se por agir de acordo com ele. No entanto não nos foi dada a força para tal, e temos que nos destruir, mesmo correndo o risco de

nem assim obtermos a força necessária. Mas nada nos resta a não ser esta última tentativa (este é também o sentido da ameaça de morte contida na proibição de se comer da árvore do conhecimento; talvez até seja o sentido original da morte natural). É desta tentativa afinal que temos medo. Preferimos antes desfazer o conhecimento do bem e do mal (a designação «pecado original» refere-se a este medo). Mas o que aconteceu não pode ser invertido, apenas deturpado. Com esta finalidade surgem as chamadas motivações. O mundo está cheio delas, aliás todo o mundo visível talvez não passe da motivação de um homem que por um momento quer repousar. Uma tentativa de falsificar o facto do conhecimento, de transformá-lo em objectivo.

87. Uma fé como a guilhotina, tão pesada, tão leve.

88. A morte está diante de nós mais ou menos como uma imagem da batalha de Alexandre na parede da sala de aulas. O importante é escurecer ou mesmo apagar a imagem com os nossos actos ainda durante esta vida.

89. O homem tem livre vontade, nomeadamente de três maneiras diferentes. Em primeiro lugar, o homem era livre quando quis esta vida. É certo que já não a pode fazer voltar atrás, porque ele já não é o mesmo que outrora a quisera, a não ser na medida em que executa a sua vontade de então, vivendo.
Em segundo lugar é livre ao poder escolher livremente o caminho desta vida e a forma de o percorrer.
Em terceiro lugar é livre porque, sendo ele aquele, que um dia voltará a ser, tem a vontade de, não importa em que condições,

deixar-se ir pela vida e deste modo deixá-la vir ter consigo. E quer fazê-lo por um caminho, que embora seja susceptível de ser escolhido, é em todo o caso de tal maneira labiríntico que não deixa intocado um único pedaço desta vida.
É este o carácter triplo da livre vontade, que, porque os três aspectos são simultâneos, é também unidade. E, no fundo, é de tal maneira unidade que não deixa lugar para uma vontade, exercida livremente ou não.

90. Há duas possibilidades: tornarmo-nos infinitamente pequenos ou então sê-lo. A segunda é a perfeição, logo inactividade, a primeira é o começo, logo acção.

91. Para evitar um engano de palavras: aquilo que deve ser destruído de forma activa, tem que ter estado bem agarrado

anteriormente. Aquilo que se desmorona, desmorona-se. Não pode ser destruído.

92. A primeira idolatria foi sem dúvida o medo das coisas, mas, em ligação com ele, também medo da necessidade das coisas e, em ligação com este, medo da responsabilidade pelas coisas. Esta responsabilidade parecia tão gigantesca que ninguém se atreveu sequer a atribuí-la a um único ser sobre-humano, porque mesmo através da mediação de um ser a responsabilidade humana não teria sido suficientemente aliviada e o contacto com um único ser ainda estaria demasiado manchado pela responsabilidade. Foi por isso que a cada coisa foi dada a responsabilidade por si mesma; mais ainda, a cada coisa foi também dada uma relativa responsabilidade pelos homens.

93. Pela última vez, psicologia!

94. Duas tarefas para a primeira parte da vida: restringires cada vez mais o teu círculo e tornares sempre a verificar se não estás escondido algures fora do teu círculo.

95. Por vezes o mal está nas nossas mãos como uma ferramenta. Quer tenha sido reconhecido, quer não, é possível pô-lo de lado sem que proteste, desde que tenhamos vontade.

96. As alegrias desta vida não são as dela mas sim o nosso medo da ascensão a uma vida mais elevada. Os tormentos desta vida não são os dela mas sim o tormento que infligimos a nós próprios por causa desse medo.

97. Só aqui o sofrimento é sofrimento. Não como se aqueles que aqui sofrem viessem a ser elevados a um outro lugar graças ao seu

sofrimento, mas sim porque, num outro mundo, aquilo a que neste chamamos sofrimento, permanecendo inalterado e estando apenas liberto das suas contradições, é a felicidade.

98. A ideia da amplidão e da plenitude infinitas do cosmos é o resultado de uma mistura, levada ao extremo, de uma criação trabalhosa com livre consciência de si mesmo.

99. Muito mais opressiva do que a mais inexorável convicção do nosso actual estado de pecado é a convicção, por fraca que seja, do antigo e eterno fundamento da nossa temporalidade. Só a força para suportar esta segunda convicção, que na sua pureza abrange inteiramente a primeira, é a medida da fé.

Há pessoas que julgam que paralelamente ao grande engano original está a todo o

momento a ser representado expressamente para elas um pequeno engano especial, ou seja que, quando em palco se está a representar uma cena amorosa, a actriz, para além de dirigir um sorriso mentiroso para o seu amante, também reserva um sorriso especialmente pérfido para um certo espectador sentado na última fila do galinheiro. A isto chama-se ir longe de mais.

100. Pode haver um conhecimento daquilo que é diabólico, mas não é possível ter-se fé nele, porque não há mais coisas diabólicas para além daquelas que existem.

101. O pecado vem sempre de forma aberta e pode ser imediatamente apreendido pelos sentidos. Cresce sobre as suas raízes e não precisa de ser arrancado.

102. Nós também temos que padecer de todos os sofrimentos à nossa volta. Nós não

possuímos *um* corpo, antes temos *um* crescimento, e é isso que nos conduz através de todas as dores, sob esta ou aquela forma. Tal como a criança se desenvolve e passa por todos os estádios da vida até chegar à velhice e à morte (parecendo, no desejo e no medo, cada estádio inacessível ao precedente), assim nos desenvolvemos (não menos ligados à humanidade do que a nós próprios) através de todos os sofrimentos deste mundo. Neste contexto não há lugar para a justiça, mas também não o há para o medo do sofrimento ou para a interpretação dos sofrimentos como coisa que se mereça.

103. Tu podes furtar-te aos sofrimentos do mundo. Tens liberdade para isso e corresponde à tua natureza, mas talvez seja justamente essa fuga o único sofrimento que podias evitar.

105. O instrumento de sedução deste mundo bem como o sinal da garantia de que este mundo é apenas uma passagem são a mesma coisa. E com razão, porque só assim o mundo nos pode seduzir e isso corresponde à verdade. O pior é no entanto que, depois de termos sido seduzidos, esquecemos essa garantia e o bem conseguiu assim atrair-nos para o mal, o olhar da mulher para a cama.

106. A submissão dá a todos, mesmo àqueles que desesperam sozinhos, a mais forte das relações com o próximo. E dá-a logo, desde que seja total e constante. A submissão pode fazê-lo porque é a verdadeira linguagem da oração, é simultaneamente adoração e a mais forte das ligações. A relação com o próximo é a relação da oração, e a relação consigo próprio é a relação com a

ambição. É da oração que extraimos a força para ambicionar.

Podes tu porventura conhecer algo que não seja engano? Se o engano vier alguma vez a ser destruido, não podes olhar para trás, ou serás transformado numa estátua de sal.

107. Todos são muito simpáticos para com A., mais ou menos da mesma maneira como procuraríamos preservar cuidadosamente uma excelente mesa de bilhar mesmo perante bons jogadores até que aparecesse o grande jogador, que analisasse minuciosamente a mesa, que não tolerasse qualquer erro prematuro, mas que, quando começasse ele próprio a jogar, se expandisse da forma mais desrespeitosa.

108. «Mas depois ele voltou para o seu trabalho como se nada tivesse acontecido.»

Esta é uma observação que nos é familiar de uma vasta quantidade de velhas histórias, apesar de talvez não ocorrer em nenhuma.

109. «Que nos falte fé, não se pode dizer. O simples facto que é a nossa vida é inesgotável no seu valor de fé.» «Aqui, um valor de fé? Pois se não se pode não-viver!» «É justamente neste 'se não se pode' que reside a imensa força da fé; é nessa negação que ela ganha forma».

Não é necessário saires de casa. Fica à mesa e escuta. Não escutes sequer, espera. Não esperes sequer, fica completamente quieto e só. O mundo oferecer-se-á para que o desmascares, não lhe resta outra coisa. Arrebatado, contorcer-se-á perante ti.

Composição, paginação e fotolito
Alfanumérico, Lda.
Impressão e acabamento
Riagráfica, Artes Gráficas, Lda.
para
HIENA EDITORA
em Setembro de 1992
Depósito legal n.º 56 953/92

colecção cão vagabundo 28

1 — HENRY MILLER
O sorriso aos pés da escada
2 — BORIS VIAN
A mais baixa das profissões
3 — JAMES JOYCE
Giacomo Joyce
4 — MARGUERITE DURAS
O homem sentado no corredor
5 — OCTAVIO PAZ
Águia ou Sol?
6 — T. S. ELIOT
Quarta-feira de Cinzas
7 — SAMUEL BECKETT
O Primeiro Amor
8 — HENRY MILLER
O Tempo dos Assassinos
9 — VICENTE HUIDOBRO
Natureza Viva
10 — SAINT-JOHN PERSE
Pássaros
11 — JULES LAFORGUE
Hamlet ou as consequências da piedade filial
12 — GEORG BÜCHNER
Lenz
13 — FRANCIS PONGE
O Caderno do Pinhal
14 — GIUSEPPE UNGARETTI
Vida de um Homem (Escolha Poética)
15 — JEAN COCTEAU
«Toro» Ritual de Amor e Morte
16 — TRISTAN TZARA
Sete Manifestos DADA
17 — HENRI MICHAUX
No País da Magia
18 — PAUL VALÉRY
O Cemitério Marinho
19 — BAUDELAIRE
A Fanfarlo
20 — MALCOLM LOWRY
Ghostkeeper
21 — NOVALIS
Discípulos em Saïs
22 — APOLLINAIRE
O Século das Nuvens
23 — FRANCIS PICABIA
Pensamentos sem Linguagem
24 — HUGO VON HOFFMANNSTHAL
A Carta de Lord Chandos
25 — STÉPHANE MALLARMÉ
Igitur ou a Loucura de Elbenhon
26 — NOVALIS
A Cristandade ou a Europa
27 — RAINER MARIA RILKE
A Canção de Amor e de Morte do Alferes Cristóvão Rilke
28 — FRANZ KAFKA
Considerações sobre o Pecado, o Sofrimento, a Esperança e o Verdadeiro Caminho

colecção cão vagabundo 28

HIE

[illegible]feros artiodáctilos, da subordem dos ruminantes, família dos tragúlidas.

Hiena (*i*), *s. f.* (da gr. *hyaina*). Género de carnívoros, que tem o porte de um grande cão: «uma *hiena*, animal mui feroz e cruel, que fossa nas sepulturas para manjar cadáveres», Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, III, 274; «Nas Líbicas montanhas | As citales são feras, de pintura | Tão singular, que só co'a vista encantam. | As *hienas* levantam | A voz tão natural à voz humana, | Que quem as ouve, fàcilmente engana», Camões (cit. de Frei Domingos Vieira, *Dicionário*, s. v.); «A morte, como uma *hiena*, | Abriu a boca esfaimada», Guerra Junqueiro, *Musa em Férias*, 81, 5.ª ed.; «*hiena*, a qual ri com umas exultações ferozes», Camilo, *Cancioneiro*, Prefácio. ‖ *Fig.* Pessoa tão cobarde como cruel, cuja maldade se exerce na sombra, às ocultas.

Hiena malhada, *s. f. Zool.* Mamífero carnívoro e digitígrado, também chamado *lobo-*